"... Na vastidão da arena, ó Cesar, o rinoceronte provocará para o teu deleite, tamanhos combates que nem a imaginação mais ousada poderia prometer — tal é o preço que cobra êsse monstro pela sua terrível vingança! E' tão poderoso êsse animal, que o touro para êle, não significa mais do que uma mísera bola!

.....

Enquanto os amendrontados escravos, atiçam o rinoceronte ao combate e lentamente o ódio começa a acumular-se nesta besta terrível, a esperança do povo em assistir a uma batalha sensacional, começa a esmorecer, após a longa espera. O encanto das cortezãs começa a prevalecer sôbre as emoções da sangrenta luta em prespectiva. Mas de repente, a raiva característica do monstro explode afinal: — Com um golpe de seu chifre, ele levanta os enormes ursos, e sem esfôrço — como um touro o faria com rêles cães — lançando-os às estrêlas." .....

—

Por um momento sintamo-nos transportados a êsse monumental espetáculo, tão vivamente descrito por Marciano no seu "O Circo de César". Que veremos? — dezenas de milhares de olhos esgazeados pelo sádico prazer de sangue, estão hipnòticamente fixados na arena, onde combate furiosamente um animal terrível — a cada novo golpe — a cada nova vítima um calafrio perpassa pela espinha dos assistentes embasbacados, e os próprios gladiadores, de coração pétreo, encrigecidos em centenas de batalhas de morte olham com pavor supersticioso para essa cena de horror. Leões de Numeia; tigres das longínquas paragens asiáticas; ursos das estepes eslavas; bufalos das misteriosas florestas germanicas, estrebucham moribundas, tingindo de sangue as alvas areias do circo. Envolto em purpura, César observa entusiasmado — valera a pena abandonar o leito tépido da amante para assistir a tamanho espetáculo! Mas que animal estranho é êsse, que não conhece a derrota? De onde veio êsse monstro, cuja pele enrugada mais parece uma intransponivel armadura? Que fera poderosa é essa, cuja ira os próprios leões não ousam enfrentar?

—

Desde os tempos mais remotos, os escritores árabes falavam do rinoceronte, distinguindo as duas espécies: — o asiático e o africano, e descreviam-no nos seus manuscritos como sendo um ser encantado por terríveis feiticeiros. Por muito tempo, não houve notícias seguras a respeito dêsse animal, e foi Marco Polo na sua famosa viagem ao Oriente, quem primeiro travou conhecimento com êle; em 1513 o rei de Portugal recebeu das Indias um espécime vivo, cuja fama espalhou-se rapidamente por toda a Europa, e Dürer, usando uma péssima gravura que lhe enviaram de Lisboa, fez uma figura de madeira representando o animal que, por espaço de 200 anos foi a unica imagem que os europeus tiveram dêsse monstro misterioso.

A descrição mais ou menos exata de seus hábitos e meios de vida, data do século 17.

O carater do rinoceronte parece ser tão pesado, quanto o seu corpo, pois enfurece-se com facilidade e nesse estado esquece-se de tudo mais que o cerca, lançando-se cegamente em linha reta, ao encontro do objeto de sua ira — pelo visto é-lhe absolutamente indiferente, se está se atirando ao encontro de um exército bem armado, ou apenas contra uma

NUM TAPETE MAGIC
MUNDO

O MONSTRO

criatura inocente e insignificante. A côr vermelha parece ser-lhe desagradável, pois não poucas vezes lança-se contra pessoas vestidas com côres berrantes, que de nenhuma maneira o incomodaram. Por sorte não é muito difícil escapar do seu ataque: — o caçador experiente deixa que êle se aproxime a uma distancia de 10 a 15 passos, e em seguida salta para o lado, pois o animal sempre avança em linha reta, e endoidecido passa como um tufão e perdendo a direção atira-se para a frente, até encontrar um objeto que descarregar a sua raiva.

Nos tempos antigos contavam-se muitas lendas a respeito das simpatias e antipatias do rinoceronte. Muito comuns eram os encontros entre êle e os elefantes, dos quais os ultimos sempre levavam desvantagem. Mas o interessante a seu respeito, é a amizade que o une aos seres mais fracos que êle, como por exemplo ao pássaro que se alimenta dos parasitas que cobrem o seu imenso corpo. Essa ave, sem duvida alguma é o maior amigo do animal, pois vive sempre nas suas proximidades, e não raro em cima do seu corpo, acompanhando-o fielmente por toda parte, servindo-lhe ao mesmo tempo de sentinela, avisando-o em caso de perigo; dizem até que, quando êsse pássaro percebe a aproximação de um ser humano, bica a orelha do rinoceronte para prevení-lo, mas isto naturalmente não pode ser levado muito em fé, sendo mais certo que a própria inquietação que se apodera da ave à vista de qualquer ser estranho, já serve de aviso ao desconfiado animal.

O rinoceronte, além do homem, não deve ter muitos inimigos.

Os leões e os tigres temem-no, sabendo que as suas garras são impotentes para rasgar a espessura do seu couro e feri-lo profundamente; é certo porém que poderão constituir perigo para um filhote desgarrado da mãe. Ele teme mais os animais menores, do que as grandes feras, e justamente os seus inimigos mais encarniçados são as moscas e outros parasitas, que lhe infernam a vida, e contra os quais

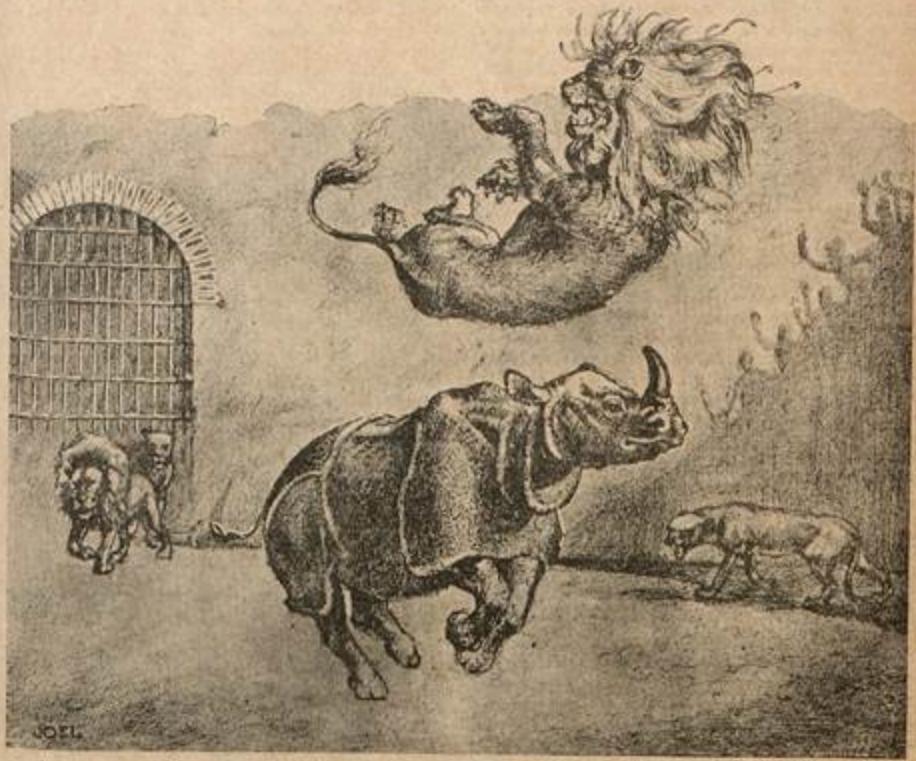
PELO MARAVILHOSO A CAÇA ENCOURAÇADO

Igor Achatkin

pouco pode fazer, usando como recurso longos mergulhos em águas lodosas, para assim, recoberto de barro poder escapar-lhes à ação.

Naturalmente o seu inimigo mais encarniçado é o homem. Todas as tribus nativas, em cujos territórios encontrarem-se êsses desengonçados animais, assim como os caçadores brancos — movem-lhe guerra impiedosa. Dizia-se que o chumbo não poderia varar-lhe o couro, mas agora não há mais duvida que êle pode ser varado por punhal, lança e até por uma flecha bem lançada. Os caçadores nativos, procuram sempre alcançar a fera adormecida, contra o vento, e aí então lançam-lhe uma grande quantidade de flechas ou então atiram à queima-roupa, para que a bala tenha todo o seu impulso inicial. Os abissinios empregam lanças, algumas vezes atiram-lhe 50-60, e quando o animal estiver enfraquecido com a perda de sangue, o mais valente do grupo aproxima-se e decepa-lhe com um sabre afiado, o tendão de Aquiles, para assim paralizá-lo e evitar maior resistência.

Os caçadores ocidentais costumam caçá-lo de maneira semelhante aos elefantes, esperando-os à noite nos bebedouros ou então localizando-lhe o covil, atacam-no à luz do dia, atirando a menor distancia possivel, uma grande carga na parte mais sensivel do corpo, pois o animal que não for mortalmente ferido lança-se como um verdadeiro bólido ao encontro dos perseguidores. Pegá-los vivos é mais dificil do que caçá-los, mas êsse era o método mais comumente empregado pelos indigenas para obtê-los em maior quantidade, pois os chinêses pagavam grandes preços pelos seus chifres.



... e sem esfôrço — como um touro faria com réles cães — lança-os às estrêlas.

...e endoidecido passa como um tufão e perdendo a direção atira-se para a frente até encontrar em que descarregar a sua raiva.

Para apanhá-lo, cava-se um estreito e profundo buraco, na sua trilha costumeira, e eriça-se o fundo com flechas pontiagudas, nas quais o pesado animal, ao cair espeta-se mortalmente, e cobre-se cuidadosamente o valo com galhos e folhas; mesmo se o animal não se ferir nas flechas, não mais poderá sair da armadilha. Perseguem também os rinocerontes na época das crias, e nesse caso matam a mãe e capturam facilmente o pequenino, o que não deixa de ser um método desumano, e totalmente contrário ao esporte venatório.

Os rinocerontes, quando capturados em pequenos, assimilam-se facilmente aos Jardins Zoológicos, e deixam-se até acariciar pelos visitantes, o que sempre deve ser feito com a máxima prudência, pois nunca se sabe em que estado de espírito encontra-se no momento o irritável animal. Porém o mal que êles provocam em sua vida livre às atividades humanas é enorme, tanto que nas regiões onde exista agricultura regularmente organizada, êle não pode ser tolerado, — é como se esta besta fosse exclusivamente criada para as regiões mais selvagens do globo.

Quase todas as partes do seu corpo encontram aproveitamento.

Não apenas o chifre, mas também o sangue, são objetos de grande veneração, em vista das qualidades místicas que lhe são atribuídas.

Nessas regiões podem ser vistos, nas residências dos nativos, vasos e utensílios para bebidas, feitos de chifres de rinoceronte. Atribui-se a êsses vasos, a qualidade de prevenir envenenamentos, pois dizem que toda bebida envenenada, em contacto com o recipiente, ferverá imediatamente, sendo portanto êsse o melhor meio de evitar-se uma morte premeditada. Os turcos antigos, de classe nobre, sempre levavam consigo uma pequena xícara de chifre de rinoceronte, e enchiam-na de café em todas as ocasiões suspeitas; porém, mais comum era o seu emprêgo nos punhos de sabre e cimitarras preciosas. Do couro os nativos fabricam escudos, peitorais guerreiros, pratos, recipientes e outros utensílios caseiros. A carne também é usada na alimentação, sendo a gordura muito apreciada, embora nem uma e nem outra, gozem de popularidade entre os ocidentais.

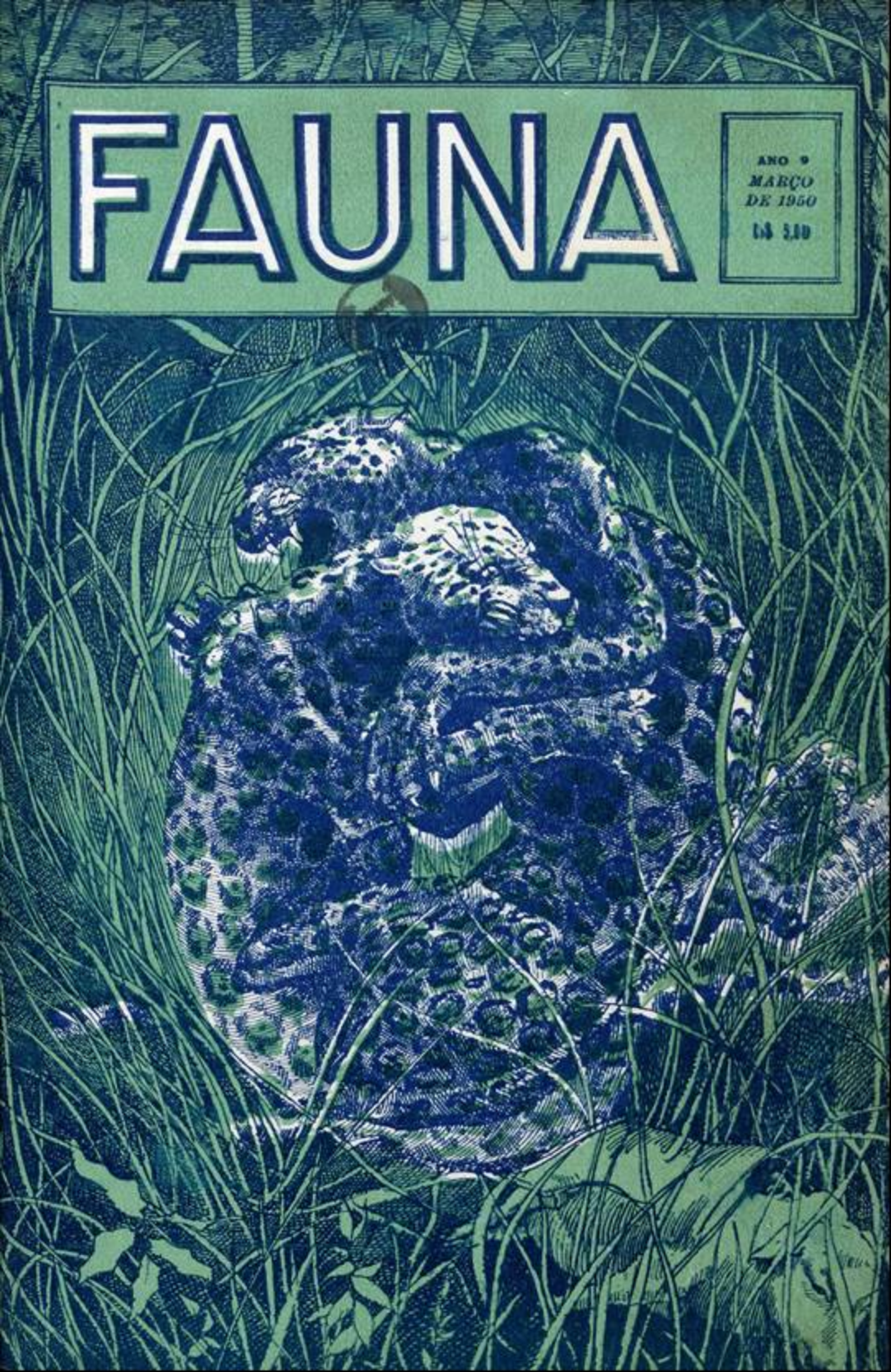
Este é em resumo o terrível animal, que ao iniciarmos esta história, vimos combatendo furiosamente, na sangrenta arena do Circo Romano. Cansados já, dêste pavoroso espetáculo, ordenemos ao nosso Mágico Tapete, que nos leve para longe do tempo dos Césares e nos transporte para uma nova aventura. Para onde iremos desta vez?

Qual será o rumo que o Gênio Maravilhoso tomará?

Que novos horizontes se abrirão diante dos nossos olhos espantados?

E varando suavemente as nuvens do espaço e do tempo, prosseguimos na nossa miraculosa viagem ao redor do globo terrestre.

O terrível Rinoceronte Unicórnio (Rhinoceros indicus), cujos acessos repentinos de furia fazem verdadeiras devastações

FAUNA

ANO 9
MARÇO
DE 1950
Cr$ 3,10